

O Povo e o Vietnam

RUBEM BRAGA

UM amigo meu, que anda pelas ruas muito mais do que eu, ou, para usar expressão pedante, tem mais contato com o povo, me conta, impressionado: há uma alegria no povo.

O motivo dessa alegria é a ofensiva dos vietcongs. Meu amigo não é comunista, nem simpatizante, nem antiamericano, nem nada parecido: ele apenas observa e procura entender.

«O fato é que toda notícia favorável aos vietcongs é recebida com alegria, com um certo gozo, como se fosse uma vitória do Flamengo. Seria possível explicar isso assim: «a massa toma consciência da luta antiimperialista; o homem do povo brasileiro se identifica com o homem do povo vietnamita». Há, porém, alguma coisa além disso e, em grande parte, no lugar disso. Você veja, Pelé. Ele é, mesmo, o maior craque de todos os tempos, é o Rei. A verdade, porém, é que a admiração e o carinho do povo por Pelé não seriam tão grandes se ele não fosse preto. Ou melhor: o fato de ser ele preto é uma coincidência feliz, agrada ao homem do povo, seja este preto ou branco: «lá vai o crioulo!» — diz ele com alegria.

No caso de Garrincha há um fenômeno parecido: ele agrada muito porque não tem nenhuma pinta de atleta e tem as pernas tortas: um mulato qualquer que ninguém dá nada por ele e de repente começa a fazer misérias no campo. O que está agradando ao povo, nessas surras que os americanos têm levado ultimamente, é, em parte, isto: o rico está apanhando do pobre, o homem alto-forte-louro está apanhando do cearensezinho subdesenvolvido. O sujeito que vê tudo pelo lado político pode pensar que o povo está muito politizado ou «conscientizado», como se diz agora. Mas não tanto assim: se você fosse fazer um inquérito, veria que uma grande maioria dos «torcedores» nem sabe os nomes das capitais do Vietnam do Sul e do Vietnam do Norte, nem mesmo a diferença entre vietnamita e vietcong, nem quem é Giap. O que ele vê é o indígena magrinho, esfarrapado, passando rasteiras no gigante louro. Isso o diverte extraordinariamente...

DN - 13.2.68